

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS HUMANAS APLICADAS

Flávia Frate¹
Roberto Kanaane²

RESUMO: Este artigo é um ensaio teórico cujo objetivo é trazer aos pesquisadores das ciências humanas aplicadas, a existência e compreensão de três correntes filosóficas: o positivismo, o estruturalismo e o interpretativismo, e em paralelo às abordagens voluntaristas e deterministas. A apropriação dessas correntes tem o propósito de fornecer ao pesquisador a reflexão de suas raízes filosóficas e o posicionamento no âmbito da produção científica, possibilitando ao pesquisador a clareza na elaboração da escrita científica e àqueles que mantêm vinculação com as mesmas. Isso proporcionará ao estudante e pesquisador, uma maior clareza para o desenvolvimento da escrita científica e para a quem se apropriar desse estudo. O método de realização desse ensaio teórico foi uma revisão bibliográfica de cada corrente e abordagem nas literaturas na área da filosofia e teorias das organizações, em obras clássicas. Nesse estudo, procurou-se aproximar cada corrente filosófica a uma das abordagens concluindo que a corrente positivista é determinista, a corrente interpretativista é voluntarista e a corrente estruturalista se aproxima das duas abordagens. Sugere-se que estudos posteriores sejam implementados no intuito de ampliar o escopo de investigação.

PALAVRAS CHAVE: Positivistas; Estruturalistas; Interpretativistas.

ABSTRACT: *This article is a theoretical essay whose objective is to bring to researchers in applied human sciences the existence and understanding of three philosophical currents: positivism, structuralism and interpretivism, and in parallel with voluntarist and determinist approaches. The appropriation of these currents has the purpose of providing the researcher with reflection on their philosophical roots and positioning within the scope of scientific production, enabling the researcher to have clarity in the elaboration of scientific writing and those who maintain links with them. This will provide the student and researcher with greater clarity for the development of scientific writing and for those who consume this study. The method for carrying out this theoretical essay was a bibliographical review of each current and approach in literature in the area of philosophy and theories of organizations, in classic works. In this study, we sought to bring each philosophical current closer to one of the approaches, concluding that the positivist current is determinist, the interpretivist current is voluntarist and the structuralist current is close to both approaches. It is suggested that further studies be implemented in order to expand the scope of investigation.*

KEYWORDS: *Positivists; Structuralists; Interpretivists.*

¹ Doutora em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no CEETEPS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1169-6464> E-mail: flavia.frate@cps.sp.gov.br

² Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional no CEETEPS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4702-7740> E-mail: kanaanhe@gmail.com

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

INTRODUÇÃO

A pesquisa científica demonstra a orientação filosófica do pesquisador, que pode estar associada a uma ou as demais correntes filosóficas, pois não existe uma única forma de fazer ciência, mas plurais e diversas. Essa demonstração deve ser identificada pelo leitor da pesquisa.

Assim, para desenvolver ciência, o pesquisador deve compreender uma ou mais correntes e abordagens filosóficas que o orienta. Entretanto tem-se constatado que ao pesquisador iniciante, ocorre limitações quanto as concepções filosóficas, as quais evidentemente embasam suas pesquisas.

Esse ensaio tem por objetivo contribuir com os pesquisadores nas áreas das ciências humanas aplicadas, na definição do paradigma filosófico a ser adotado em dissertações, teses ou artigos, no que tange às correntes filosóficas.

O ensaio contempla as correntes filosóficas: positivista, estruturalista e interpretativista, e traz à luz as perspectivas das abordagens voluntaristas e deterministas que perpassam por essas correntes de forma a convergir ou divergir.

Abordagens como o voluntarismo e determinismo, podem ser analisados isoladamente mas quando concatenados a uma corrente filosófica, reforça-se e ou ampliam-se as possibilidades de ideias e análises.

O voluntarismo se concentra no indivíduo e suas ações como ponto de partida da investigação da ciência social. Por outro lado, o determinismo considera que as restrições contextuais reduzem drasticamente o raio de ação do indivíduo e considera o ambiente como o grande condutor das mudanças ocorridas (BURGEOIS, 1984). Neste contexto, esse ensaio investiga quais as correntes (positivista, estruturalista e interpretativista) vão ao encontro a esses pressupostos. Logicamente, que poderiam ser com quaisquer outras correntes, mas para efeito desse ensaio, as três foram elegidas.

Foi realizado uma síntese das respectivas correntes e uma breve análise sobre qual das abordagens (voluntaristas e deterministas) mais se aproxima em cada uma. Após, uma discussão entre essas correntes sob a ótica das respectivas abordagens; na sequência, as considerações finais.

Que este estudo possa colaborar com os estudantes e pesquisadores na definição do próprio paradigma filosófico, em fase de desenvolvimento da ciência nas áreas das ciências humanas aplicadas.

1. DESENVOLVIMENTO

A ciência possui distintas concepções as quais representam as posições ideológicas dos respectivos pesquisadores. Isso também acontece com todo pesquisador que pretende realizar ciência ou desenvolver uma pesquisa científica: deve resgatar sua própria interpretação e forma de fazer ciência. O leitor da pesquisa realizada também necessita observar o paradigma do autor para compreender o percurso adotado em termos metodológicos. Ao reconhecer a filosofia de um pesquisador autor em uma obra, provavelmente esse será o encaminhamento em outras obras. Por exemplo, se o pesquisador optar por uma corrente positivista, então haverá uma interpretação da ciência diferente do estruturalista e do interpretativista; assim também se houver uma abordagem voluntarista a interpretação será distinta da abordagem determinista.

Tem-se uma revisão dos conceitos das abordagens voluntarista e determinista em suas essências, e das correntes filosóficas positivista, estruturalista e interpretativista.

1.1. Voluntarismo & Determinismo

O Voluntarismo e o Determinismo são abordagens filosóficas que se diferenciam pelas suas concepções em relação às ações dos indivíduos em uma sociedade ou ambiente, ou como observa Hrebiniak & Joyce (1985), tratam da causa e consequência da influencia do ambiente no sujeito, ou a influencia do sujeito no ambiente. Os mesmos autores definem que na orientação voluntarista, os indivíduos e as instituições são agentes autônomos, proativos, que se autodirigem; quanto a orientação determinista, a direção é determinada pelas estruturas do contexto em que a ação ocorre, ou seja, comportamento individual é regido por meio de um controle macro ou do ambiente onde este ser está inserido.

Fichter (1986) ressalta que “o voluntarismo, em ciência social, denota qualquer teoria que acentue a importância da escolha, decisão, finalidade e norma na ação social” dos indivíduos. O autor acrescenta ainda que as decisões e escolhas dos seres humanos nesse contexto, são pautadas no livre arbítrio, na escolha individual. Já a abordagem determinista considera que existe restrições contextuais que diminuem as ações dos indivíduos, considerando o ambiente o verdadeiro condutor das mudanças ocorridas nas vidas das pessoas e das organizações (BOURGEOIS, 1984).

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Do exposto, pode-se concluir que no determinismo, o homem e suas atuações são determinadas pelo ambiente, e no voluntarismo, o homem é autônomo, com livre escolha. Isso se confirma com a literatura de Wilson (1995) que sustenta os conceitos pela perspectiva corporativa, como por exemplo, as organizações “sofrem” com as mudanças do ambiente, pois do contexto onde está inserido é resultado de processos políticos; a tensão sistêmica e as normas socioeconômicas (do ambiente) são os determinantes do processo de mudança, entre outras afirmações. O autor não despreza que as habilidades individuais sejam importantes, mas elas não podem ser consideradas isoladas (autônomas) dos diversos fatores envolvidos no processo de mudança. Isso se reforça quando o autor menciona o fato das características das organizações, que não são determinadas somente pelas aspirações de seus administradores e fundadores, mas também pelas características das mais amplas interfaces, entre a organização e o ambiente externo. O autor discute a Teoria dos Sistemas Abertos, que analisa a organização como parte interdependente de um todo muito maior, justificando o determinismo.

1.2. Positivismo

A corrente filosófica positivista foi preconizada por Augusto Comte, denominada “positivismo comteano ou originário”, que após realizar inúmeras críticas aos seus antepassados, em como realizavam as investigações e como concebiam a ciência, resolve instituir alguns pressupostos sobre aquilo que ele denominava de verdadeira ciência. Negava os preceitos da “Idade das trevas”; insere no conceito de ciência a ideia da dependência dos termos “progresso” e “ordem” além dos atributos essenciais para esta corrente como: a orientação para a “realidade” e “utilidade”, “certeza e precisão”, “tendência orgânica” e “ perspectiva relativista” (GIDDENS, 1998).

Na obra de Giddens (2001), crítico ao positivismo comteano, é mencionado que Comte cria a filosofia positiva em contrapartida à teoria política revolucionária, pois mantinha uma preocupação com o progresso do século XIX, além da crença que passa a ser na fé da ciência e não à teologia e à metafísica. Assim, em Comte, ciência é a única fonte confiável de investigação desde que realizada conforme seus princípios, sem permissão de refutações e sem sofrer variações de acordo com seus intérpretes (LACERDA, 2009).

A abordagem positivista teve alguns desdobramentos, como o chamado “positivismo lógico” do Círculo de Viena, que se diferenciou do positivismo Comteano por oferecer novas propostas epistemológicas, e pretender promover a “purificação” do positivismo comteano, em resposta a repulsa à Metafísica. Outro desdobramento é conhecida como “positivismo crítico”, defendido por Karl Popper, a concepção de que todo o conhecimento é falível, corrigível e virtualmente provisório.

Popper argumentou que a lógica indutivista é falha (utilizada no originário e lógico), pois não é possível justificar enunciados universais a partir de experiências e observações particulares. Popper mostrava-se favorável a metafísica, inclusive atribuía a ela a origem de várias teorias. “Nossas conjecturas são orientadas por fé não científica, metafísica (embora biologicamente explicável), em leis e em regularidades que podemos desvelar” (POPPER, 2007).

Popper não acreditava que existisse um caminho estritamente lógico e racional capaz de levar a formulação de novas teorias, mas estas podiam ter como pontos de partida a imaginação, a intuição e a criatividade.

Outro desdobramento do positivismo é o “pós-positivismo”, marcado pelo pensamento de autores como Thomas Kunh, Imre Lakatos e Paul Feyerabend que defenderam ideias e pressupostos inaceitáveis na perspectiva do positivismo lógico e originário, além de tecerem críticas ao positivismo crítico, apontando discordâncias ou propondo seu aperfeiçoamento (PÓVOA et al, 2012).

Embora haja os desdobramentos, os acordos e desacordos nas verdades impostas pelos seus preconizadores, alguns pressupostos podem ser destacados como comuns ou convergentes: a objetividade (sujeito que estuda o objeto, imparcialidade); a ausência de influência de crenças do pesquisador; a ciência que deveria ser imparcial; a réplica (sobre o conhecimento ser cumulativo); a ciência deveria ser universal (invariável no tempo e espaço) e a racionalidade (embora mais centrada no desdobramento originário e lógico, e diminui no crítico e no pós-positivismo).

1.2.1. Discussão sobre o Positivismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Embora a corrente positivista seja detentora de desdobramentos e com críticas umas às outras, se refutando em algumas de suas verdades, possuem alguns pressupostos semelhantes sobre sua forma de realizar ciência. É no sentido dessas convergências será argumentado quanto ao positivismo ser determinista ou voluntarista.

É possível observar que a corrente positivista tende a concretizar as ideias determinísticas e não voluntaristas. A abordagem determinista defende a ideia de que o ser humano está subordinado a causas anteriores ou pré-existentes associando-se com a expectativa positivista, que acredita que tudo pode ser controlado, determinado, pelo fato do aproveitamento dos eventos passados (conceito do progresso).

O positivismo defende o progresso, logo as influências do passado guiam a conduta dos indivíduos, assim como o determinismo aponta em seus pressupostos sobre a não autonomia individual, mas as influências nas conduções de comportamentos. No positivismo, a realidade só existe a partir de fatos que podem ser observados, e sendo verdade apenas aquilo que pode ser empiricamente testado, assim como o determinismo que não aceita o que transcende, mas somente objetividade.

Consequentemente, percebe-se que o voluntarismo neste contexto não tem espaço, por tratar-se de algo inviável aos positivistas, exceto aos pós-positivistas que assumem a pressuposição do que é metafísico e ou intrínseco ao ser humano, como comportamentos independentes ao ambiente.

1.3.Estruturalismo

Para compreender a corrente filosófica do estruturalismo, é relevante iniciar com a concepção de Talcott Parsons, sociólogo norte americano, que preconizou a teoria sociológica nas décadas de 50 e 60 no sec. XX. Próximo ao significado do positivismo, mas considerado estrutural funcionalista (devido ao funcionalismo ser decorrente da abordagem evolucionária, a qual ele também defendia) estudou as funções de uma sociedade como estruturas, baseado em quatro subsistemas: o cultural, o social, o econômico e o político (SANDERS, 1984). Girola (2010) menciona quatro dimensões para expressar a totalidade da sociedade que não podem ser visualizadas de forma individualizada mas em interação: o sistema social, o sistema cultural (sistema de valores), o organismo humano e a personalidade individual.

É possível compreender que Parsons rompe com o positivismo no momento que ele explica a sociedade por meio de estrutura, não a considerando metafísica. Sanders (1984) afirma ainda que a sociedade para sobreviver deve funcionar com os seguintes imperativos: i) a adaptação: papel social, o ator consegue produzir recursos para sobrevivência nos meios sociais, bem como organizações se adaptam às divergências do ambiente em que se encontram; ii) os objetivos: papel dos órgãos governamentais, fixando objetivos e disponibilizando meios legais para gerar cooperação, reforça a coesão social (pode gerar subsistemas sociais); iii) integração: intenções legais ou não legais que obrigam o indivíduo a interagir e integrar o meio social (leis); iv) a latência: sistema de cultura que integra, faz manutenção e muda os indivíduos no meio social (confiança, e valores) (SANDERS, 1984; GIROLA, 2010).

Para Girola (2010), Parsons criou a Teoria da Ação e a Teoria do Sistema Social, sendo a primeira alicerçada em Max Weber e nos pressupostos funcionalistas, onde a sociedade é uma totalidade constituída de partes que encontram-se relacionadas, mas são interdependentes (teoria dos sistemas), e se houver uma disfunção em uma das partes, a outra é conseqüentemente atingida. A segunda teoria é composta pelo ator social e o meio ambiente, que juntos estabelecem a “interação social” concedendo sentidos e significados na estrutura (instituições sociais).

Outro pesquisador que reforça a corrente é Pierre Bourdier, que analisa os conflitos e contradições estruturais, além dos modos de dominação, que podem ser as forças estruturais que explicam as mudanças sociais (FIALHO, 2018). Segundo Thiry-Cherques (2006), “Bourdieu segue a tradição de Saussure e de Lévi-Strauss, ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes”, entretanto o mesmo autor explica que Bourdieu diferencia-se quando alega que estas estruturas são provenientes das percepções, dos pensamentos e das ações dos indivíduos que compõe esta estrutura. Bourdieu (1996, apud Thiry-Cherques, 2006) defende que as estruturas devem ser tratadas de forma a “superar a oposição entre o subjetivismo e o objetivismo mediante uma relação suplementar, verticalizada, que situa-se entre o sistema de posições objetivos e disposições subjetivas de indivíduos e coletividades”.

Segundo Brulon (2013) Bourdieu apresenta-se como uma alternativa conciliadora e propõe a superar dicotomias como objetividade/subjetividade, ação/estrutura, e indivíduo/sociedade pelo entendimento dos conceitos inseparáveis de campo (associados à

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

ideia de poder ou de dominação - o espaço da “luta” entre dominados e dominantes), capital (diferentes espécies de recursos, trocados entre os indivíduos a partir de diferentes taxas de troca, - as riquezas deste campo, que definem o detentor e os dominados) e *habitus* (hábito, costume, praxe, tradição, constitui a maneira individual de perceber, julgar e valorizar o mundo).

1.3.1. Discussão sobre o Estruturalismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

A abordagem estruturalista traz uma aproximação do determinismo e do voluntarismo, visto que seus pressupostos valorizam uma interdependência das ações dos indivíduos e do ambiente (igualmente). Ao observar a leitura de Parsons e Bourdieu, fica nítido a “meia distância” do determinismo: a redução objetivista, a negação determinista e a não estabilidade das estruturas, mas a corrente não descarta a existência e a força dessas, sobre os agentes. Fica perceptível também a “meia distância” do voluntarismo, pois diminui-se o subjetivismo e “desconsidera a gênese social das condutas individuais... o estruturalismo, que desconsidera a história e as determinações dos indivíduos” (THIRY-CHERQUES; 2006). Portanto, tanto a abordagem voluntarista quanto determinista estão ao “meio passo” dentro dessa corrente.

Observa-se que a defesa das estruturas não é mecanicista ou determinística, mas flexíveis, pois “reflete o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias” (BOURDIEU; 2001, apud THIRY-CHERQUES, 2006).

Explica-se ainda pelo fato dessa estrutura internalizar a história individual e coletiva. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar”. Tudo isso é o resultado de uma aprendizagem, “um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio”. (BOURDIEU; 2001, apud THIRY-CHERQUES, 2006)

O *habitus*, o campo e o capital explica a composição (subsistemas) da sociedade que é um sistema maior, e é orientada por objetivos estabelecidos, que definem suas relações de integração, que as regula e se adapta ao meio ambiente, sendo os valores e as normas a manutenção para esta estrutura sobreviver, na defesa de Bourdieu. Logo, não há como tratar

de forma somente determinística, esta abordagem prioriza a abordagem bourdiana onde existe o “poder” do *habitus* na condução dessa estrutura social.

Thiry-Cherques (2006) sintetiza que “o *habitus* gera uma lógica, uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação”. Isso equivale dizer que é condicionante e é condicionador das ações; “possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações”.

O *Habitus* regem a moral cotidiana, os princípios interiorizados pelo corpo e um modo de pensar específico. Logo, se a “lente” do pesquisador estiver mais alta para esta perspectiva (do *habitus*), então enxergará uma forte abordagem voluntarista, mas se esta “lente” abrir para o campo e o capital, entenderá o “meio passo” determinístico.

1.4. Interpretativismo

A corrente interpretativista surgiu nos anos 20, por meio de estudos que criticavam o positivismo. “Adorno e Habermas foram os precursores desse movimento, argumentando que, para as pesquisas das áreas sociais e humanas, o contexto sócio-histórico é de grande importância...”(WITTKE, 2008). Com isso, inicia-se uma nova forma de explicar a sociedade, onde procura-se compreender que as pessoas envolvidas no processo social, possuem uma consciência que é como uma extensão da experiência subjetiva. Essa corrente é uma análise do processo pelo qual as “múltiplas realidades compartilhadas surgem, se sustentam e se modificam” (BORINI, HOURNEAUX-JUNIOR; 2018).

Nessa abordagem, a sociedade ou o mundo social, possui uma situação ontológica duvidosa segundo Hath e Yanow (2013), já que a realidade social não existe em sentido concreto. Sendo assim, sua compreensão faz-se pela interpretação dos seus atores, utilizando processos subjetivos do conhecimento e do entendimento, visto que tudo depende do sujeito que está agindo, interagindo e interpretando (HATCH; YANOW, 2003).

Considerando que todas as correntes são alvos de interpretação, faz-se necessário um amplo conjunto de métodos e práticas para chegar-se a melhor “apuração da realidade”, utilizando-se, por exemplo, de pesquisa interpretativa com caráter qualitativo, entrevista, pesquisa etnográfica, a observação participante, leitura detalhada de documentos, o estudo de caso, o interacionismo simbólico, a pesquisa fenomenológica e a construtivista,

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

lembrando que o pesquisador nesse caso é também um agente ativo na investigação (WITTKE, 2008; HATCH, YANOW, 2003).

Portanto, um aspecto importante nessa abordagem, é a forma como se interpreta, ou seja, como os símbolos de uma sociedade são traduzidos em seus significados. Um significado, ou resultado de uma interpretação é a compreensão das associações de um objeto com outro que pode ser: comportamentos, imagens, organização social, ritual e a percepção do mundo. Os símbolos são polissêmicos (múltiplos significados - diferentes para os diferentes autores); são construídos socialmente e são dependentes do contexto (LEITURA OBRIGAHISTÓRIA, 2019).

1.4.1. Discussão sobre o Interpretativismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

A corrente interpretativista possui forte convergência ao voluntarismo, distanciando-se muito da abordagem determinista. Observa-se a perspectiva da orientação em compreender o comportamento humano na sociedade, suas experiências, expectativas, o que tudo isso significa e simboliza; a partir destas circunstâncias, busca-se interpretar os valores compartilhados subjetivamente (BORINI, HOURNEAUX-JUNIOR; 2018).

O voluntarismo, significa que cada indivíduo adota suas escolhas individuais (FICHTER, 1986), ou as pessoas exercem um papel ativo; isso pode ser entendido como suas próprias crenças, atitudes e vontades (por exemplo) que implicam no ambiente onde estão inseridos. Indo ao encontro do interpretativismo, onde a verdade não é única mas como um ponto de vista individual.

Abstrai-se que as concepções de cada cientista está em sintonia com sua experiência de vida, como “uma lente”, que cada um possui. Cada um faz a sua própria versão da realidade. Isso ocorre pois a realidade, assim como a percepção dos envolvidos é influenciada por questões socioculturais, econômicas, políticas, familiares etc. Conseqüentemente a cultura é como uma teia de significados compartilhados pelos indivíduos que a compõe, influenciando e sendo influenciado pelos respectivos atores envolvidos.

2. ANÁLISES

A corrente positivista reforça a abordagem determinista, pois ambas consideram que os indivíduos estão condicionados pelas circunstâncias do meio em que vivem (BORINI; HOURNEAUX-JUNIOR, 2018), mas não somente isso, acreditam na objetividade, na direção que deve ser determinada pelas estruturas do contexto em que a ação se ocorre, observando sempre o que é palpável, real ou “no que estou vendo”.

No positivismo há uma orientação para o progresso, logo, sempre há um apoio de uma estrutura anterior, ao encontro do que prediz o determinismo sobre o comportamento individual em ser regido por meio de um controle macro ou do ambiente onde este ser está inserido. Um pouco distante dessas afirmações, ocorre no estruturalismo, mas mais distante no interpretativismo, que possuem vieses com a abordagem voluntarista.

Na visão voluntarista o homem exerce um papel mais criativo, ou seja, ele é o criador do seu ambiente em vez de ser controlado (BORINI; HOURNEAUX-JUNIOR, 2018). O estruturalismo permite esta ação, quando respeita o *habitus* e o campo dos indivíduos em uma sociedade, logo não conseguiria sustentar uma abordagem determinista (somente), embora haja outros autores estruturalistas que não aceitam a abordagem de Bourdieu, sobre as estruturas serem provenientes das percepções, dos pensamentos e das ações dos indivíduos que as compõem (Bourdieu; 1996, apud Thiry-Cherques;2006).

O interpretativismo analisa a sociedade e o ambiente com o foco nas interações entre indivíduos, e os seus valores compartilhados. Para os positivistas, o moral e os valores são vistos como condições emocionais e se distanciam da ciência (HATCH; YANOW, 2003), impedindo qualquer interpretação.

O fato do estruturalismo estar categorizado na mesma abordagem voluntarista que o interpretativismo, não os coloca em igualdade. O interpretativismo é uma alternativa possível à corrente estruturalista.

A corrente interpretativista rejeita sistemas únicos ou grandes narrativas típicas do pensamento estruturalista, pois valoriza as visões locais, dos nativos, ao invés dos pensamentos universais.

Em suma, o positivismo (reduzido aos pressupostos semelhantes) pode ser classificado convergente à abordagem determinística; o estruturalismo convergirá em ambas abordagens (determinista e voluntarista) e o interpretativismo, convergente ao voluntarismo.

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ensaio, foi permitido uma visão generalizada das correntes filosóficas positivista, estruturalista e interpretativista em convergência ou divergência com as abordagens determinista e voluntarista. Objetivando uma análise dessas relações, é possível considerar que o pesquisador desenvolva um “olhar” próprio dessa análise, pois considerando um posicionamento interpretativista, tudo dependerá da acreditação ou a visão do investigador. Entretanto, pode ocorrer que o próprio pesquisador possua uma orientação voluntarista, acreditando que as relações no nível micro, entre os indivíduos ou instituições de uma sociedade são valorizadas, e devem ser analisadas considerando os atos voluntários, o respeito aos direitos como a autonomia, a liberdade, as vontades de cada um e suas interações com os outros e com o ambiente. Por outro lado, o pesquisador ao adotar uma posição determinista, tende a valorizar a estrutura macro, que domina o micro.

O voluntarismo se concentra no indivíduo e suas ações como ponto de partida da investigação da ciência social. Entretanto, o determinista tende a considerar que as restrições contextuais reduzem drasticamente o raio de ação de quem toma as decisões e considera o ambiente como o grande condutor das mudanças ocorridas (BURGEOIS, 1984).

Pode ocorrer que em um determinado momento há uma propensão ao voluntarismo, mas as forças macro ainda detém ou reduz a ação do pesquisador (segura o avanço). O que impede, portanto, de avançar com intenções voluntaristas é o macro ambiente, com a força do determinismo, impondo um senso que muitas vezes o pesquisador não acredita.

É possível transpor essas abordagens para uma ótica organizacional, visto que esse ensaio seja inicialmente indicado a pesquisadores da área das ciências humanas aplicadas: segundo Cunha (1996), visão voluntarista também é antagônica ao determinismo, formada por um conjunto de perspectivas e tratam os padrões de mudança das organizações como consequência das respostas dos executivos às mudanças ambientais.

O pesquisador, seja qual for a instituição, ao optar por uma corrente filosófica, escolhe o conceito estratégico, dentro de suas perspectivas; compartilham da ideia de que existe um espaço de decisão no qual é possível escolher a estratégia, que definirá os rumos da instituição, e que o ambiente, apesar de funcionar como uma restrição, não elimina este espaço.

Nessa perspectiva, os administradores assumem papéis de extrema importância para a sobrevivência e eficácia da organização e é considerado como um modelador da cultura organizacional, pois “...selecionam, adotam ou descartam componentes estruturais, com o objetivo de manter o equilíbrio da organização com o seu ambiente” (HUBNER; SAUSEN, 2012).

A abordagem determinista considera a mudança organizacional como um fenômeno emergente das influências do ambiente, como ação reagente, de adaptação. As decisões das organizações e seus objetivos são dependentes do suporte socialmente construído, da legitimidade institucional e de suas propostas (MACHADO-DA-SILVA et al, 1999). Assim, a abordagem voluntarista, embora possa ser um paradigma comum ao gestor ou executivo, sendo qual for a corrente assumida, esse pode estar limitado pelo ambiente determinístico a qual pertence.

Com a observação das duas abordagens e as respectivas correntes filosóficas, percebe-se como é possível um pesquisador das ciências humanas pode adotar um argumento que vá ao encontro de suas crenças, valores e propósitos, para concluir suas decisões de pesquisa ou práticas empresariais.

Esse ensaio cumpre o objetivo de analisar as correntes, as convergências e divergências às abordagens voluntaristas e deterministas, para apoiar pesquisadores e gestores de instituições. Sugere-se que outras pesquisas possam remeter à novos debates e reflexões aos estudiosos e pesquisadores, com o propósito de ampliar as investigações e posteriormente contribuir com as ciências humanas aplicadas.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE LITERÁRIO. **O que é o positivismo e o determinismo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://almanaqueliterario.com/positivismo-e-determinismo-na-critica-literaria>. Acesso em: maio/2019.

BORINI, F.M.; HOURNEAUX-JUNIOR, F. Aula 4 EAD de **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4274383/mod_resource/content/1/EAD%205822%202018%20Aula%204.pdf. Acesso em: maio/2019.

BRULON, V. **Transpondo Bourdieu para as Organizações: um Convite à Sociologia Reflexiva em Estudos Organizacionais**. XXXVIII Encontro ANPAD, 2013.

BURGEOIS, L.J. **Strategic management and determinism**. *Academy of Management Review*, 9 , p. 586-596, 1984.

PARADIGMAS FILOSÓFICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

CUNHA, C.J.C.A. **Adaptação estratégica organizacional em ambiente turbulento**. Tese apresentada para Concurso de Professor Titular, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. 1996.

FIALHO, S. Slides da Apresentação do tema: "**Paradigmas na Teoria das Organizações**", 2018. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/12325878/>. Acesso em abril/2019.

FICHTER, J.H. *Dicionário de Ciências Sociais*, MEC, Rio de Janeiro, p. 1301, 1986.

GIDDENS, A. **Comte, Popper e o Positivismo**. In : Anthony Giddens. Política, Sociologia e Teoria Social. São Paulo : UNESP. 1998.

GIDDENS, A . **Augusto Comte e o Positivismo**. In : Anthony Giddens. Em defesa da Sociologia. Ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: UNESP. 2001.

GIROLA, L. **Talcott Parsons: a propósito de la evolución social**. Sociológica, vol. 25, no 72, 2010.

HATCH, M. J.; YANOW, D. **Organization theory as an interpretative science**. IN: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (Eds.) The Oxford Handbook of Organization Theory. Oxford: Oxford University Press, p.63-87, 2003.

HREBINIAK, L. G.; JOYCE, W. F. **Organizational adaptation: strategic choice and environmental determinism**. Administrative Science Quarterly, 30, p.336-349, 1985.

HUBNER, C. M.; SAUSEN, J. O. **O processo de mudança e adaptação estratégica em uma sociedade cooperativa de serviços médicos: o caso da Unimed Noroeste/RS**. In: LAIMER, C. G. (Org.). Gestão das organizações. 2. ed. Florianópolis: Conceito, v. 1, p. 1-262, 2012.

LACERDA, G. B. **Augusto Comte e o “ Positivismo Redescobertos”**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, 2009

LEITURA OBRIGAHISTÓRIA. Vídeo aula: **Antropologia Interpretativista**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BgJu5RyJd0g>. Acesso em abril/2019.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; FONSECA, V. S. DA; FERNANDES, B. H. R. **Mudança e estratégia nas organizações: perspectivas cognitiva e institucional**. In: VIEIRA, M. M. F.; OLIVEIRA, L. M. B. DE (Orgs.). Administração contemporânea: perspectivas estratégicas. São Paulo: Atlas, 1999.

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Cultrix. São Paulo, 2007

PÓVOA, A. C. S.; GOUVEA, R. Q.; BATAGLIA, W.; TEIXEIRA, M. L. M. **Paradigma Positivista: As Diferentes Faces de um Ilustre Desconhecido**. EnEO, Curitiba, 2012.

SANDER, B. **Perspectivas analíticas na pedagogia e na administração da educação.** São Paulo: Pioneira, p. 24, 1984.

THIRY-CHERQUES, H.R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática.** RAP Rio de Janeiro 40(1):27-55, 2006

WILSON, D. C. **A strategy of change.** Great Britain: Routledge, 1995.

WITTKE, I.C. BORTONI-RICARDO, S. M.. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198463982010000300016. Acesso em maio/2019.